

## Aristóteles e a história eternamente: o gênero histórico na poética e na retórica

Denis Correa<sup>1</sup>

**Resumo:** A partir da hermenêutica de trechos da *Poética* e da *Retórica* de Aristóteles, nos quais se problematiza a história enquanto gênero narrativo e investigativo, e também de discussão da recepção desta questão em autores contemporâneos, investiga-se a noção de historiografia implicada no pensamento aristotélico. O inquérito avança no sentido de revisitar o debate contemporâneo sobre a avaliação da história na *Poética*, e também a tendência de buscar na *Retórica* uma acepção aristotélica mais condizente com a metodologia histórica moderna, sem perder de vista o enraizamento institucional da historiografia antiga enquanto gênero ligado à retórica.

**Palavras-chave:** Aristóteles; história; poesia; retórica.

### Aristotle and history eternally: the historical genre in poetics and rhetoric

**Abstract:** Based on hermeneutical analysis of excerpts from Aristotle's *Poetics* and *Rhetoric*, in which history is examined as a narrative and investigative genre, and considering contemporary authors' discussions on this matter, the study delves into the notion of historiography implicated in Aristotelian thought. The inquiry moves towards revisiting the contemporary debate on the assessment of history in the *Poetics*, as well as the tendency to seek in the *Rhetoric* a more compatible Aristotelian interpretation with modern historical methodology, all the while keeping in mind the institutional foundation of ancient historiography as a genre linked to rhetoric.

**Keywords:** Aristotle; history; poetry; rhetoric.

“Mas desse mesmo arauto ouço também a recomendação de nos não prendermos ao que passou. E essa é uma palavra que dubiamente posso entender mas de modo algum compreender. É dúbio entendê-la porque o passado do *laudator temporis acti* é ilusório e assim verdadeiramente nunca existiu. O passado a que pudéssemos voltar com uma ‘máquina do tempo’ seria a decepção do presente que foi e o imaginário nos transfigurou (...) O passado que se evoca nunca existiu para ninguém. Mas só o que existe é que é bastante para o excesso do homem. Assim o real da minha

---

<sup>1</sup> Prof. Adjunto de História Antiga na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e Doutor em Estudos Clássicos pela Universidade de Coimbra (CECH-UC). E-mail: [deniscorrea@ufrb.edu.br](mailto:deniscorrea@ufrb.edu.br)

juventude é o transreal do seu encantamento e da eternidade que lá mora, como nos meus livros o pude registrar”

Vergílio Ferreira<sup>2</sup>

## Introdução

Durante séculos historiadores tentaram explicar, responder ou ao menos contornar as terríveis palavras de Aristóteles na *Poética*<sup>3</sup> (1451a36-1451b11):

Φανερόν δὲ ἐκ τῶν εἰρημένων καὶ ὅτι οὐ τὸ τὰ γενόμενα λέγειν, τοῦτο ποιητοῦ ἔργον ἐστίν, ἀλλ' οἷα ἂν γένοιτο καὶ τὰ δυνατὰ κατὰ τὸ εἰκὸς ἢ τὸ ἀναγκαῖον. ὁ γὰρ ἱστορικὸς καὶ ὁ ποιητὴς οὐ τῷ ἢ ἔμμετρα λέγειν ἢ ἄμμετρα διαφέρουσιν (εἴη γὰρ ἂν τὰ Ἡροδότου εἰς μέτρα τεθῆναι καὶ οὐδὲν ἦπτον ἂν εἴη ἱστορία τις μετὰ μέτρου ἢ ἄνευ μέτρων): ἀλλὰ τούτῳ διαφέρει, τῷ τὸν μὲν τὰ γενόμενα λέγειν, τὸν δὲ οἷα ἂν γένοιτο. διὸ καὶ φιλοσοφώτερον καὶ σπουδαιότερον ποίησις ἱστορίας ἐστίν· ἡ μὲν γὰρ ποίησις μᾶλλον τὰ καθόλου, ἡ δ' ἱστορία τὰ καθ' ἕκαστον λέγει. ἔστιν δὲ καθόλου μὲν, τῷ ποίῳ τὰ ποῖα ἅπτα συμβαίνει λέγειν ἢ πράττειν κατὰ τὸ εἰκὸς ἢ τὸ ἀναγκαῖον, οὗ στοχάζεται ἡ ποίησις ὀνόματα ἐπιτιθεμένη· τὸ δὲ καθ' ἕκαστον, τί Ἀλκιβιάδης ἔπραξεν ἢ τί ἔπαθεν.

A partir do que foi dito, é claro que a tarefa do poeta não é dizer o que aconteceu, mas aquilo que deveria acontecer em função do provável ou do necessário. Logo, o historiador e o poeta não diferem por falar com métrica ou não (pois se colocar em métrica a obra de Heródoto não seria menos uma história, com ou sem métrica). Mas diferem nisto: por dizer o que aconteceu ou aquilo que deveria acontecer. Por isso a poesia é mais filosófica e mais elevada que a história, pois a poesia fala sobre o geral enquanto a história sobre o particular. O geral é como e o quê alguma pessoa acaba por dizer algo em função do provável e do necessário, e isto

---

<sup>2</sup> FERREIRA, Vergílio. “Alocução de Vergílio Ferreira. Doutorado Solene de Gladstone Chaves de Melo e Vergílio Ferreira”. *Biblos*, v. 70, p. 508–511, 1994.

<sup>3</sup> Optei por apresentar tradução própria dos trechos de Aristóteles que serão citados ao longo do argumento, para mais facilmente destacar aspectos e conceitos relevantes. Diferentes traduções e discussões aparecerão eventualmente ao longo do texto e nas notas de rodapé.

a poesia visa criando nomes [dos personagens]; o particular, por sua vez, é aquilo que Alcibíades fez ou sofreu.

Desde o século XVI EC houve recurso quase sistemático a este trecho em teorias da literatura e da história, numa assimilação muitas vezes impensada entre todo discurso histórico moderno e tal concepção aristotélica<sup>4</sup>. Na segunda metade do século XX EC, a leitura da *Poética* foi novamente seminal em disparar polêmicas, através das chamadas teses “narrativistas” ou “céticas”, que colocam as noções de narrativa, enredo e retórica no centro do debate sobre o conhecimento histórico, e que se enraízam em tal polêmica iniciada no Liceu de Atenas<sup>5</sup>. De fato, Roland Barthes recorre à *Poética* em suas noções sobre discurso histórico<sup>6</sup>; Paul Veyne se fundamenta no pensamento peripatético em sua concepção de história como “ciência sublunar” na qual o papel do método é ofuscado diante da função do enredo e da tópica<sup>7</sup>; e Hayden White e sua tese sobre como o enredamento (*emplotment*) de eventos na historiografia certamente tem influência de Aristóteles, ainda que através de teorias dela derivadas<sup>8</sup>. Como reação a todo esse debate, Paul Ricoeur também propôs uma monumental reflexão sobre narrativa e história que tem como um de seus pontos de partida, mais uma vez, a *Poética*<sup>9</sup>.

Em que pese tais tendências narrativistas ou céticas se inspirarem em Aristóteles, nem sempre elas ressaltam que a *Poética* não interdita à história acesso ao conhecimento do passado, mas somente hierarquiza o valor superior da poesia sobre a história. Isto parece escapar a Jacques Le Goff, que atribui ao mestre do Liceu a “expulsão da história do mundo das ciências<sup>10</sup>”, e também a

---

<sup>4</sup> BOULAY, Berenger, Histoire et narrativité, autour des chapitres 9 et 23 de la Poétique d’Aristote, *Lalies*, n. 26, 2005., s. p., disponível em:

[https://www.fabula.org/ressources/atelier/?Historia\\_et\\_mim%26egrave%3Bsis%3A\\_confrontation\\_de\\_diff%26eacute%3Brentes\\_traductions](https://www.fabula.org/ressources/atelier/?Historia_et_mim%26egrave%3Bsis%3A_confrontation_de_diff%26eacute%3Brentes_traductions)

<sup>5</sup> Para um panorama sobre como o debate teórico recorre sistematicamente a Aristóteles no século XX, ver SOARES, Martinho T. M., *História e Ficção em Paul Ricoeur e Tucídides*, Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 2014, p. 123–182; 217–225; 354–367; 552–565.

<sup>6</sup> BARTHES, Roland, *O rumor da língua*, São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 173–174, 188–189.

<sup>7</sup> VEYNE, Paul, *Como se escreve a história*, Lisboa: Edições 70, 1983, p. 115–160.

<sup>8</sup> WHITE, Hayden, *Metahistory: the historical imagination in nineteenth-century Europe*, Baltimore: John Hopkins University Press, 1975, p. 142–144.

<sup>9</sup> RICOEUR, Paul, *Temps et Récit - Tome I*, Paris: Seuil, 1983, p. 55–129.

<sup>10</sup> LE GOFF, Jacques, *História e memória*, Campinas: UNICAMP, 1990, p. 33, 76.

François Hartog, que se refere à avaliação negativa de Aristóteles sobre a cientificidade da história<sup>11</sup>. Por outro lado, Carlo Ginzburg mobilizou a *Retórica*, contra Barthes e Veyne, para resgatar um vocabulário aristotélico afinado com a preocupação histórica sobre a fiabilidade daquilo que se conhece sobre o passado<sup>12</sup>, ao que Hartog responde para reafirmar outro aspecto: “a história, não sendo uma arte mimética, não pertence à *poiesis*<sup>13</sup>”.

A proposta a seguir visa investigar os objetivos específicos da comparação proposta na *Poética*, na qual a história emerge como contraexemplo da poesia, logo não assume que o objetivo é deturpar a história, mas sim apontar suas limitações e fronteiras. O debate é revisitado a partir de duas perguntas: para Aristóteles a história não produz conhecimento sobre o passado? A *Poética* interdita a possibilidade de a história conter arte mimética? Através da análise de passagens da *Poética* e da *Retórica* sobre o gênero historiográfico antigo busca-se situar a comparação entre história e poesia na teorização aristotélica sobre a composição de enredos narrativos.

### **Para Aristóteles a história não produz conhecimento sobre o passado?**

Tal questão parece decorrer de uma tradução antiga do famigerado trecho, na qual φιλοσοφώτερον foi vertido como *more scientific*<sup>14</sup> ao invés de *more philosophical*<sup>15</sup> ou o equivalente em outras línguas latinas<sup>16</sup>, incluso a portuguesa<sup>17</sup>. A única justificativa plausível na qual φιλοσοφώτερον tem sentido epistêmico, e não ético-moral como aponto a seguir, deriva de uma concepção do *corpus*

---

<sup>11</sup> HARTOG, François, *A História de Homero a Santo Agostinho*, Belo Horizonte: UFMG, 2001, p. 138.

<sup>12</sup> GINZBURG, Carlo, Sobre Aristóteles e a história, mais uma vez, in: *Relações de força: história, retórica, prova*, São Paulo: Cia das Letras, 2002, p. 47–58.

<sup>13</sup> HARTOG, François, Aristóteles e a história, mais uma vez, *História da Historiografia*, n. 13, p. 14–23, 2013, p. 15, também 21-22.

<sup>14</sup> FYFE, W. H., *Aristotle in 23 volumes*, Cambridge and London: Harvard University Press; William Heinemann Ltd, 1932.

<sup>15</sup> SACHS, Joe, *Aristotle. Poetics*, Newburyport: Focus Publishing, 2006, p. 32.

<sup>16</sup> HARDY, J., *Poétique*, Paris: Belles Lettres, 1932, p. 42. GARCÍA BACCA, J. D., *Poética*, Ciudad de Mexico: UNAM, 1945, p. 14.

<sup>17</sup> SOUZA, Eudoro de, *Aristóteles. Poética*, Maia: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994, p. 115., VALENTE, Ana M., *Poética. Aristóteles*, Lisboa: Calouste Gulbekian, 2004, p. 54; GAZONI, Fernando M., *A poética de Aristóteles: tradução e comentários*, Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006, p. 67.

*aristotelicum* como conjunto coeso e acroamático<sup>18</sup>, para assim supor que a oposição que se estabelece na *Metafísica* (981a15-16) entre o “geral/universal” (καθόλου) e o “particular” (καθ' ἕκαστον), no qual o primeiro tem sentido epistêmico por ser orientado pelo que é provável (εἰκόσ) e necessário (ἀναγκαῖον), equivale à oposição criada na *Poética*. Porém, tal concepção da obra aristotélica enquanto resultado de ensinamentos orais no Liceu que foram posteriormente harmonizados de forma perfeita não se sustenta devido às variações de vocabulário e raciocínio nas obras, o que alimenta infundáveis comentários acadêmicos. A transmissão dos manuscritos não nos permite garantir que os textos não foram corrigidos e emendados por editores posteriores, e tampouco desconsiderar que Aristóteles possa ter elaborado concepções dissonantes em períodos diferentes de sua vida, especialmente em obras com escopos tão distintos como a *Metafísica* e a *Poética*.

O sentido da crítica aristotélica pode ser encontrado na própria *Poética*, ainda que a tradução de σπουδαιότερον, que ladeia φιλοσοφώτερον no trecho, costuma oscilar mais ainda: a poesia é “mais séria<sup>19</sup>” ou *más esforzada empresa*<sup>20</sup>, no que prefiro “mais elevada<sup>21</sup>” ou “mais virtuosa<sup>22</sup>”. O questionamento sobre a seriedade da história soa estranho, especialmente se assumirmos que Aristóteles estaria dizendo que a história é menos séria que a comédia, citada logo a seguir no trecho (1451b 12-22). Por mais que possamos apreciar o humor de Heródoto, não creio que σπουδαιότερον se refira a este aspecto. Porém, há um uso preciso de σπουδαῖος na própria *Poética* que nos permite apreender seu sentido ao longo de toda a obra (1448a1-3):

ἐπεὶ δὲ μιμοῦνται οἱ μιμούμενοι πράττοντας, ἀνάγκη δὲ τούτους ἢ σπουδαίους ἢ φαύλους εἶναι (τὰ γὰρ ἦθη σχεδὸν ἀεὶ τούτοις ἀκολουθεῖ μόνοις, κακία γὰρ καὶ ἀρετὴ τὰ ἦθη διαφέρουσι πάντες

Uma vez que os imitadores imitam ações, é necessário que estas sejam elevadas (σπουδαῖος) ou baixas (pois o caráter das pessoas

---

<sup>18</sup> A melhor discussão do tema em língua portuguesa ainda é SOUZA, *Aristóteles. Poética*, p. 13–32.

<sup>19</sup> FYFE, *Aristotle in 23 volumes*; SOUZA, *Aristóteles. Poética*, p. 115; SACHS, *Aristotle. Poetics*, p. 32.

<sup>20</sup> GARCÍA BACCA, *Poética*, p. 14.

<sup>21</sup> HARDY, *Poétique*, p. 42; VALENTE, *Poética. Aristóteles*, p. 54.

<sup>22</sup> GAZONI, *A poética de Aristóteles: tradução e comentários*, p. 67.

quase sempre segue só este aspecto: pelo vício e pela virtude se distinguem todos os caracteres).

Assim, começamos a afastar a ideia de que a história para Aristóteles não é uma ciência, ou melhor, que não é capaz de produzir conhecimento sobre o passado. A crítica que resta é que a história não produz conhecimento muito filosófico, elevado e virtuoso, em contraste com a dimensão ética da poesia enquanto arte mimética de ações viciosas ou virtuosas. Logo, o que Aristóteles está comparando é a forma com que os historiadores enredam histórias, e não aspectos estilísticos formais (como a métrica), e nem sua capacidade de narrar os eventos tais como realmente ocorreram, pois a frase “aquilo que Alcibíades fez ou sofreu” (1451b11) está mais próxima de Ranke (“as coisas como realmente aconteceram”) do que das teses céticas e narrativistas<sup>23</sup>. Também prefiro traduzir τὸν ἂν γένοιτο como “deveria acontecer”, ao invés de “poderia acontecer” como ocorre em todas as edições consultadas, para reforçar que na poesia as ações devem se desenrolar segundo o provável e o necessário. Logo, o sentido é *might be expected to happen*<sup>24</sup>, enquanto na história as ações se desenrolam ao acaso: uma ação depois da outra, e não uma por causa da outra, aspecto que discutirei depois.

Por ora, vejamos o que diz a *Retórica* sobre o gênero investigativo da ἱστορία sobre ações humanas (a poesia é a imitação de ações humanas). Ao recomendar que um orador deve ter conhecimento sobre política, Aristóteles diz no trecho 1359b30-32:

ταῦτα δ' οὐ μόνον ἐκ τῆς περὶ τὰ ἴδια ἐμπειρίας ἐνδέχεται συνορᾶν, ἀλλ' ἀναγκαῖον καὶ τῶν παρὰ τοῖς ἄλλοις εὐρημένων ἱστορικῶν εἶναι πρὸς τὴν περὶ τούτων συμβουλήν.

E não apenas a partir da experiência pessoal é possível conhecer estas coisas, mas é necessário também ser um investigador do que foi descoberto pelos outros sobre a deliberação acerca delas.

---

<sup>23</sup> Finley assim percebia a questão antes mesmo da emergência das teses céticas de Barthes e Veyne. Ver FINLEY, Moses, *Myth, Memory and History*, *History and Theory*, v. 4, n. 3, p. 281–302, 1965, p. 283.

<sup>24</sup> Neste ponto, ofereço uma tradução divergente de todas as citadas até, mas apoio-me no comentário de LUCAS, D. W., *Aristotle. Poetics*, Oxford: Oxford University Press, 1968, p. 118.

Note-se a difícil tradução de ἱστορικὸν εἶναι: “ser um investigador” me parece melhor alternativa do que *to be well informed*<sup>25</sup>, ou *to be willing to do research*<sup>26</sup>. Em seguida, há outra menção à história que remete a um gênero textual em 1360a33-37:

ὥστε δῆλον ὅτι πρὸς μὲν τὴν νομοθεσίαν αἱ τῆς γῆς περίοδοι χρήσιμοι (έντεϋθεν γὰρ λαβεῖν ἔστιν τοὺς τῶν ἔθνῶν νόμους), πρὸς δὲ τὰς πολιτικὰς συμβουλάς αἱ τῶν περὶ τὰς πράξεις γραφόντων ἱστορίαι· ἅπαντα δὲ ταῦτα πολιτικῆς ἀλλ’ οὐ ῥητορικῆς ἔργον ἔστιν.

É claro que os relatos de viagens são úteis para legislação (pois neles se pode aprender as leis dos povos), assim como [são úteis] para as decisões políticas as histórias daqueles que escrevem sobre ações humanas. Tudo isto não é tarefa da retórica, mas da política.

A historiografia na *Retórica* revela utilidade ao instruir o orador, tais histórias possuíam papel acessório, mas importante, de reunir informações que seriam exploradas pelas atividades retóricas e filosóficas, e este apego ao mundo empírico é um traço distintivo do pensamento de Aristóteles, em certa dissonância com Platão. Hartog está correto ao dizer que o trecho acima se refere a algo mais próximo das “constituições” ou “repúblicas” reunidas por Aristóteles e seus alunos<sup>27</sup> (*Ética a Nicômaco*, 1181b), entre as quais só nos resta, mais ou menos completa, a sobre Atenas<sup>28</sup>. Porém, não há motivo para acreditar que Heródoto e Tucídides não seriam incluídos entre αἱ τῶν περὶ τὰς πράξεις γραφόντων ἱστορίαι, pois o primeiro era muito citado no Liceu, e tal função pragmática condiz com a ligação do gênero historiográfico com escolas de retórica e com a formação das elites ao longo de todo período clássico greco-romano<sup>29</sup>.

---

<sup>25</sup> FREESE, J. H., *Aristotle in 23 volumes*, Cambridge and London: Harvard University Press; William Heinemann Ltd, 1926. Similar a ALEXANDRE JÚNIOR, M; ALBERTO, P. F.; PENA, A. N., *Retórica*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005, p. 107.

<sup>26</sup> KENNEDY, George A., *Aristotle. On Rhetoric - A theory of civic discourse*, Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 54.

<sup>27</sup> HARTOG, Aristóteles e a história, mais uma vez, p. 21.

<sup>28</sup> CORREA, Denis, *Aristóteles. A República dos Atenienses*, São Paulo: Madamu, 2023.

<sup>29</sup> FORNARA, C. H., *The Nature of History in Ancient Greece and Rome*, Berkeley: University of California Press, 1983, p. 108–110; MARINCOLA, J., *Authority and Tradition in Ancient Historiography*, Cambridge: Cambridge University Press, 1997, p. 220–222; NICOLAI, R., The Place of History in the Ancient World, in: MARINCOLA, J. (Org.), *A companion to Greek and Roman historiography*, Malden: Blackwell, 2007, p. 13–26.

Por outro lado, as investigações históricas referidas no trecho acima pertencem ao reino da política, não da retórica, mas daí não se depreende que toda ἱστορία é política, apenas aquelas περὶ τὰς πράξεις. A ἱστορία tem sentido bastante amplo do Liceu até ao século XIX EC, basta perceber como o conceito de história natural deriva da aristotélica *História dos Animais* (Τῶν περὶ τὰ ζῶα ἱστοριῶν). Raymond Weil notou que mesmo que Aristóteles considere a história menos filosófica e elevada que a poesia, o mestre do Liceu e seus alunos produziram história prolificamente nas centenas de “constituições” ou “repúblicas”, que depois se agregam às reflexões da *Política*, nas várias obras de história natural, e na própria história da filosofia que Aristóteles pratica sistematicamente como elemento integrado na sua reflexão filosófica<sup>30</sup>.

É a partir desta discussão sobre a utilidade e o papel social da historiografia na antiguidade clássica que retorno ao uso que Ginzburg faz da *Retórica* em seu argumento contra as teses narrativistas e cétricas<sup>31</sup>, ao propor a noção peripatética de prova retórica (πίστις) como elemento fundamental da ciência histórica. Segundo Ginzburg, as noções do mestre do Liceu sobre provas retóricas estabeleceram o “núcleo essencial” do saber histórico, isto é, (a) que a história humana pode ser reconstruída com base em indícios, (b) que tais reconstruções implicam conexões naturais e necessárias (como, por exemplo, um ser humano não pode viver duzentos anos), e (c) que para além destas necessidades naturais, o conhecimento histórico se move no âmbito do provável (εἰκὸς). Ginzburg elabora tal argumento a partir de trechos da *Retórica*, incluso 1368a 29-33:

τὰ δὲ παραδείγματα [ἐπιτηδειοτάτη] τοῖς συμβουλευτικοῖς (ἐκ γὰρ τῶν προγεγονότων τὰ μέλλοντα καταμαντευόμενοι κρίνομεν)· τὰ δ' ἐνθυμήματα τοῖς δικανικοῖς (αἰτίαν γὰρ καὶ ἀπόδειξιν μάλιστα δέχεται τὸ γεγονός διὰ τὸ ἀσαφές).

Os exemplos são adequados aos discursos deliberativos (pois julgamos o futuro antecipando-o a partir do passado); e os

---

<sup>30</sup> WEIL, Raymond, *Aristote et l'histoire*, Paris: Klincksieck, 1960, p. 87–162.

<sup>31</sup> GINZBURG, Sobre Aristóteles e a história, mais uma vez, p. 47–58.

entimemas aos discursos judiciais (pois o que ocorreu, por ser obscuro, admite melhor a demonstração e a responsabilização<sup>32</sup>).

Há outro trecho que repete a noção em 1418a1-7:

ἔστιν δὲ τὰ μὲν παραδείγματα δημηγορικώτερα, τὰ δ' ἐνθυμήματα δικανικώτερα· ἡ μὲν γὰρ περὶ τὸ μέλλον, ὥστ' ἐκ τῶν γενομένων ἀνάγκη παραδείγματα λέγειν, ἡ δὲ περὶ ὄντων ἢ μὴ ὄντων, οὗ μᾶλλον ἀπόδειξις ἐστὶ καὶ ἀνάγκη· ἔχει γὰρ τὸ γεγονός ἀνάγκην. οὐ δεῖ δὲ ἐφεξῆς λέγειν τὰ ἐνθυμήματα, ἀλλ' ἀναμιγνύναι· εἰ δὲ μὴ, καταβλάπτει ἄλληλα.

Os exemplos são mais adequados aos discursos públicos, e os entimemas aos discursos judiciais. Um é sobre o futuro, de forma que é necessário falar exemplos de acontecimentos, enquanto o outro é sobre o que foi ou não foi, o que torna mais necessária a demonstração, pois o acontecimento tem necessidade [de ser demonstrado]. Não se deve falar os entimemas continuamente, mas intercalados; se não eles prejudicam-se uns aos outros.

É possível concordar parcialmente com Ginzburg que a prova retórica de natureza judicial pode ser relacionada ao “núcleo essencial” do conhecimento histórico, na medida em que instrui a formulação de entimemas – uma noção bastante complexa sobre argumentação em Aristóteles<sup>33</sup> – sobre aquilo que “foi ou não foi”. Porém, isto responde pouco sobre outros elementos igualmente importantes, tais como a busca por exemplos, também citada acima e uma constante motivação para a escrita e a leitura da história na antiguidade. Além disso, o mesmo trecho alerta que o excesso de entimemas enfraquece a persuasão, logo os entimemas – “núcleo essencial” do saber histórico segundo Ginzburg – devem ser usados com parcimônia, intercalados com outros elementos éticos e emotivos, para que tenham algum efeito persuasivo. E ainda 1418a 9-17:

---

<sup>32</sup> No que diz respeito à história, o termo αἰτία consolidou seu significado enquanto “causa”, na medida que Heródoto e Tucídides o utilizaram para designar a causa da guerra. No caso da retórica judicial, me parece melhor traduzir por “responsabilização”, no sentido do crime praticado em relação ao qual se busca justiça.

<sup>33</sup> BURNYEAT, M. F., Enthymeme: Aristotle on the Logic of Persuasion, *in*: NEHAMAS, A.; FURLEY, D. J. (Orgs.), *Aristotle's Rhetoric: Philosophical Essays*, Princeton: Princeton University Press, 1994, p. 3–56; BRAET, Antoine C., The Enthymeme in Aristotle's Rhetoric: from Argumentation Theory to Logic, *Informal Logic*, v. 19, n. 2 & 3, p. 101–117, 1999.

καὶ μὴ περὶ πάντων ἐνθυμήματα ζητεῖ· εἰ δὲ μὴ, ποιήσεις ὅπερ ἔνιοι ποιοῦσι τῶν φιλοσοφούντων, οἱ συλλογίζονται τὰ γνωριμώτερα καὶ πιστότερα ἢ ἐξ ὧν λέγουσιν. καὶ ὅταν πάθος ποιῆς, μὴ λέγε ἐνθύμημα (ἢ γὰρ ἐκκρούσει τὸ πάθος ἢ μάτην εἰρημένον ἔσται τὸ ἐνθύμημα· ἐκκρούουσι γὰρ αἱ κινήσεις ἀλλήλας αἱ ἄμα, καὶ ἢ ἀφανίζουσιν ἢ ἀσθενεῖς ποιοῦσιν), οὐδ' ὅταν ἠθικὸν τὸν λόγον, οὐ δεῖ ἐνθύμημά τι ζητεῖν ἄμα· οὐ γὰρ ἔχει οὔτε ἦθος οὔτε προαίρεσιν ἢ ἀπόδειξις.

Não se deve buscar entimemas sobre tudo, do contrário farás o mesmo que alguns filósofos os quais concluem silogismos mais conhecidos e plausíveis do que as premissas. E quando for gerar emoção não fales um entimema (ele anulará a emoção ou será dito em vão: estes movimentos juntos anulam, ofuscam ou enfraquecem uns aos outros); e nem quando for [gerar] um discurso ético deve buscar um entimema ao mesmo tempo, pois a demonstração não tem caráter nem propósito.

Assim, o que Ginzburg chama de núcleo essencial da metodologia histórica, também pode anular, ofuscar ou enfraquecer a dimensão emotiva e ética da persuasão. A demonstração argumentativa não tem caráter ético nem propósito, a não ser provar, em tribunal, que algo realmente ocorreu. A argumentação judiciária, na qual entimemas e outros tipos de provas são usados, só é relevante na escrita da história quando há versões conflituosas sobre um mesmo evento, o que exige o julgamento do historiador<sup>34</sup>, mas de forma alguma pode-se dizer que historiadores desprezam o caráter ético e emotivo de suas narrativas, tampouco eles recorrem sistematicamente a um método histórico para provar que realmente ocorreram todos os eventos que narram. Heródoto nem sempre enuncia seu juízo sobre as várias versões para os mesmos eventos, preferindo apenas relatar o que ouviu sem se comprometer com a verdade de tudo (*Histórias* 2.123 e 7.152). Como afirma Francisco Murari Pires<sup>35</sup>, quando Ginzburg relaciona o historiador ao juiz não se

---

<sup>34</sup> CORREA, Denis, The Aristotelian Athenaiion Politeia as “poor history”? *Historiography, rhetoric, and the controversies about Solon in the Fourth Century*, *Histos*, n. 13, p. 129–145, 2019, p. 133–139.

<sup>35</sup> PIRES, F. M., Indagações sobre um método acima de qualquer suspeita, *História da Historiografia*, n. 13, p. 24–44, 2013, p. 35–41. Note-se também a desarticulação do indiciamento de Ginzburg que Lorenzo Valla, tradutor de Tucídides, tenha neste se inspirado seu método crítico-filológico em *Sobre a Doação de Constantino*. A tradução de Valla é posterior à redação desta obra,

contorna o caráter aleatório do “o que Alcibíades fez ou sofreu”, afinal, ao juiz interessa apenas se “fez ou sofreu” algum crime; e ao historiador, o que lhe interessa<sup>36</sup>?

Para resumir a primeira resposta, a crítica aristotélica contra a história não implica ser impossível demonstrar se um evento ocorreu ou não, mas tampouco significa que uma ação ocorrida, nos termos da *Poética*, seja provável e necessária. Ginzburg pode estar correto que a preocupação com a prova retórica reforça uma concepção mais robusta de metodologia histórica, mas tampouco isto resolve a crítica de que a história, mesmo sendo bem investigada, é pouco filosófica e elevada. A história, para Aristóteles, pode produzir conhecimento sobre eventos que realmente aconteceram, mas é possível compor um enredo provável e necessário a partir de eventos históricos, que realmente ocorreram?

### **A poética interdita a possibilidade de a história conter arte mimética?**

De volta à *Poética* no trecho 1451b23-32:

ὥστ' οὐ πάντως εἶναι ζητητέον τῶν παραδεδομένων μύθων, περὶ οὓς αἱ τραγωδίαί εἰσίν, ἀντέχεσθαι. καὶ γὰρ γελοῖον τοῦτο ζητεῖν, ἐπεὶ καὶ τὰ γνώριμα ὀλίγοις γνώριμά ἐστιν, ἀλλ' ὅμως εὐφραίνει πάντας. δῆλον οὖν ἐκ τούτων ὅτι τὸν ποιητὴν μᾶλλον τῶν μύθων εἶναι δεῖ ποιητὴν ἢ τῶν μέτρων, ὅσῳ ποιητῆς κατὰ τὴν μίμησίν ἐστιν, μιμεῖται δὲ τὰς πράξεις. κἂν ἄρα συμβῆ γενόμενα ποιεῖν, οὐθὲν ἥττον ποιητῆς ἐστὶ· τῶν γὰρ γενομένων ἓν οὐδὲν κωλύει τοιαῦτα εἶναι οἷα ἂν εἰκὸς γενέσθαι [καὶ δυνατὰ γενέσθαι], καθ' ὃ ἐκεῖνος αὐτῶν ποιητῆς ἐστίν·

Assim não é de todo necessária a busca dos enredos transmitidos [pela tradição], sobre os quais as tragédias versam. É ridículo buscar isto, uma vez que mesmo os conhecidos são conhecidos por poucos, mas agradam igualmente a todos. Então, a partir disto é claro que o poeta é antes um poeta de enredos do que de versos,

---

e sua leitura de Tucídides aponta para uma preocupação muito mais estilística do que propriamente metodológica.

<sup>36</sup> Embora a relação entre retórica judicial e história possa ser enraizada em Aristóteles, ela extrapola os objetivos deste artigo, remeto apenas a GINZBURG, Carlo, *Il giudice e lo storico. Considerazioni in margine al processo Sofri*, Milano: Feltrinelli Editore, 2006.

da mesma forma que é poeta segundo a imitação, e imita as ações. E se lhe acontecer ser poeta de acontecimentos, não é menos poeta, pois nada impede que alguns dentre estes acontecimentos venham a ser prováveis e possíveis, e de acordo com isto que é poeta daqueles acontecimentos.

Note-se acima a tradução técnica de μῦθος enquanto “enredo<sup>37</sup>”, ao invés do sentido mais amplo de “estórias<sup>38</sup>” ou “mitos<sup>39</sup>”, pois o termo concorda com παραδίδωμι, e “enredos transmitidos [pela tradição]” concilia o senso técnico com o amplo. Logo, é a partir do provável (εἰκὸς) e do necessário (ἀναγκαῖον) que o poeta imita ações de enredos tradicionais, ou a partir de acontecimentos reais, contanto que seja com base na imitação de ações prováveis e necessárias. Concordo apenas parcialmente com Hartog quando afirma que a história não é uma arte mimética e não pertence à *poiesis*<sup>40</sup>, pois se Aristóteles reconhece que se pode imitar ações que aconteceram, devemos assumir que seria útil a este poeta investigar tais ações tal qual um historiador, assim como é útil ao filósofo investigar a filosofia que lhe precede, e ao político e ao legislador investigar a política e as leis do passado. Como afirma Bérenger Boulay, a *Poética* não invalida uma poética da narrativa histórica, pois o critério aristotélico não é o caráter da poesia enquanto sinônimo de ficção e antônimo de historicidade, mas sim enquanto enredo e narratividade em oposição ao caráter episódico e contingente do passado, isto é, das histórias, investigadas ou não, sobre o que se passou<sup>41</sup>.

Aqui cabe uma breve definição de enredo, μῦθος, tal como articulado na *Poética*, no sentido em que ele é resultado da composição de imitações de ações que são, idealmente, prováveis e necessárias. James Redfield – uma das principais referências de Paul Ricoeur sobre este tema – propõe que Aristóteles aqui responde aos argumentos de Platão na *República* sobre a arte enquanto imitação, de forma a reabilitar o valor da poesia enquanto arte mimética<sup>42</sup>. Redfield sintetiza

---

<sup>37</sup> VALENTE, *Poética. Aristóteles*, p. 55; GAZONI, *A poética de Aristóteles: tradução e comentários*, p. 70.

<sup>38</sup> FYFE, *Aristotle in 23 volumes*.

<sup>39</sup> SOUZA, *Aristóteles. Poética*, p. 116; GARCÍA BACCA, *Poetica*, p. 14–15.

<sup>40</sup> HARTOG, *Aristóteles e a história, mais uma vez*, p. 22.

<sup>41</sup> BOULAY, *Histoire et narrativité, autour des chapitres 9 et 23 de la Poétique d’Aristote*.

<sup>42</sup> REDFIELD, James, *Nature and Culture in the Iliad: The Tragedy of Hector*, Durham: Duke University Press, 1994, p. 45–67.

o argumento da seguinte forma: o poeta não faz questões gerais, como faria o filósofo, “o que é Justiça? Lealdade? Perdão? ” Mas antes pergunta-se: “porque Aquiles recusou os presentes de Agamêmnon? ”, E partir daí ensina e agrada o público através da imitação, provável e necessária, desta ação de Aquiles. Logo, nesta forma de dimensionar a qualidade do enredo poético é irrelevante se a épica representa a realidade dos acontecimentos da Guerra de Troia. A questão que se coloca é como selecionar, organizar e compor as ações que os mitos atribuem a Aquiles, de acordo com o provável e o necessário, e que “aquilo que Alcibíades fez ou sofreu” trata de uma narrativa nas quais as ações não são selecionadas, organizadas e compostas de acordo com este critério.

Um dos pontos centrais da *Poética* é estabelecer que o poeta é poeta em função da produção de enredos prováveis e necessários, sejam históricos ou fictícios. Porém, só é possível produzir enredos a partir de acontecimentos investigados historicamente se estes apresentarem ações prováveis e necessárias, e serem organizados e imitados num enredo que seja uno e completo. Nem todo acontecimento que se pode provar, por assim dizer, retórica e historicamente, deve ser incluído neste enredo. Sem o nexos do provável e do necessário, ou seja, quando as ações não estão ligadas entre si através do enredo, o poeta de eventos históricos tende a produzir enredos episódicos e ruins. Veja-se o que a *Poética* diz, a seguir, sobre enredos episódicos em 1451b34-37:

τῶν δὲ ἀπλῶν μύθων καὶ πράξεων αἱ ἐπεισοδιώδεις εἰσὶν χεῖρισται:  
λέγω δ' ἐπεισοδιώδη μῦθον ἐν ᾧ τὰ ἐπεισόδια μετ' ἄλληλα οὔτ'  
εἰκὸς οὔτ' ἀνάγκη εἶναι. τοιαῦται δὲ ποιοῦνται ὑπὸ μὲν τῶν φαύλων  
ποιητῶν δι' αὐτούς, ὑπὸ δὲ τῶν ἀγαθῶν διὰ τοὺς ὑποκριτάς·

Dos enredos e ações simples, os episódicos são os piores. Chamo episódico o enredo no qual a relação entre os episódios entre si não é provável nem necessária. Estes enredos são escritos por poetas ruins, por serem ruins, e pelos bons poetas por causa dos atores.

Depois os enredos episódicos são relacionados diretamente à história 1459a 17–29:

Περὶ δὲ τῆς διηγηματικῆς καὶ ἐν μέτρῳ μιμητικῆς, ὅτι δεῖ τοὺς μύθους  
καθάπερ ἐν ταῖς τραγωδίαις συνιστάναι δραματικούς καὶ περὶ μίαν  
πράξιν ὅλην καὶ τελείαν ἔχουσιν ἀρχὴν καὶ μέσα καὶ τέλος, ἴν'

ὥσπερ ζῶον ἐν ὅλον ποιῆ τὴν οἰκείαν ἡδονήν, δῆλον, καὶ μὴ ὁμοίας ἱστορίαις τὰς συνθέσεις εἶναι, ἐν αἷς ἀνάγκη οὐχὶ μιᾶς πράξεως ποιεῖσθαι δῆλωσιν ἀλλ' ἐνὸς χρόνου, ὅσα ἐν τούτῳ συνέβη περὶ ἓνα ἢ πλείους, ὧν ἕκαστον ὡς ἔτυχεν ἔχει πρὸς ἄλληλα. ὥσπερ γὰρ κατὰ τοὺς αὐτοὺς χρόνους ἢ τ' ἐν Σαλαμῖνι ἐγένετο ναυμαχία καὶ ἢ ἐν Σικελία Καρχηδονίων μάχη οὐδὲν πρὸς τὸ αὐτὸ συντείνουσαι τέλος, οὕτω καὶ ἐν τοῖς ἐφεξῆς χρόνοις ἐνίοτε γίνεται θάτερον μετὰ θάτερον, ἐξ ὧν ἐν οὐδὲν γίνεται τέλος.

Sobre a imitação narrativa em versos, é necessário, como nas tragédias, compor enredos dramáticos e sobre uma ação una e completa que tenha princípio, meio e fim, para que, tal como um animal inteiro, produza um prazer adequado; claramente não devem ser como as composições históricas<sup>43</sup>, nas quais não é necessário fazer a exposição de uma ação única, mas de um tempo único, e de tudo quanto aconteceu nele a uma ou várias pessoas, cada um relacionando-se ao outro ao acaso. Assim como ao mesmo tempo se deu a batalha naval de Salamina e a batalha dos Cartagineses na Sicília, elas não se direcionaram para o mesmo fim, assim às vezes nos tempos sucessivos acontece uma coisa depois da outra, do qual não se constitui um fim.

Este trecho é fundamental para compreender aquele outro, mais polêmico e famoso, pois aqui retoma-se o argumento iniciado em 1450b22-32, no qual se define que a beleza de enredos e ações reside na sua completude (ὅλος) – isto é, início, meio e fim – ao que se segue o motivo pelo qual a ação una e completa é bela, 1450b32-37:

δεῖ ἄρα τοὺς συνεστῶτας εὖ μύθους μῆθ' ὀπόθεν ἔτυχεν ἄρχεσθαι μῆθ' ὅπου ἔτυχε τελευτᾶν, ἀλλὰ κεχρηῆσθαι ταῖς εἰρημέναις ἰδέαις. ἔτι δ' ἐπεὶ τὸ καλὸν καὶ ζῶον καὶ ἅπαν πρᾶγμα ὃ συνέστηκεν ἐκ τινῶν οὐ μόνον ταῦτα τεταγμένα δεῖ ἔχειν ἀλλὰ καὶ μέγεθος ὑπάρχειν μὴ τὸ τυχόν· τὸ γὰρ καλὸν ἐν μεγέθει καὶ τάξει ἐστίν (...)

Portanto, é necessário aos enredos bem compostos que não comecem e nem terminem ao acaso, mas sim se ajustem às formas

---

<sup>43</sup> Sobre ἱστορίαις τὰς συνθέσεις ver WEIL, *Aristote et l'histoire*, p. 170–175.

mencionadas. Além disso, a beleza – de um animal ou de toda ação – sendo composta de algumas partes, precisa não somente de as ter organizado, mas também de uma dimensão que não seja ao acaso, pois o belo está na dimensão e na organização (...)

Tal analogia tipicamente aristotélica entre o corpo de um animal – cuja ordenação e dimensão de suas partes compõem sua beleza – e a boa ação poética é fundamental para compreender o que Aristóteles entende por um bom enredo. A ação imitada pela poesia deve ser inteira e ter a dimensão adequada em cada uma de suas partes. Na crítica aos enredos episódicos e sua comparação com narrativas históricas, Aristóteles revela uma concepção de *ιστορία* similar à de crônica, registro de eventos em nexos temporais<sup>44</sup>, gênero muito praticado no século IV AEC, por exemplo, por Helânico de Lesbos, que fundou a cronografia grega ao recontar a história da Grécia sincronizando marcadores de tempo, como o sacerdócio de Hera em Argos ou dos Arcontes em Atenas, com eventos míticos e históricos do passado grego<sup>45</sup>. Os fragmentos destas obras de Helânico apontam para uma estrutura, de fato, episódica, pois a preocupação não era narrar os eventos em detalhe, mas conectá-los numa linha de tempo cronográfica. Por outro lado, Heródoto realmente compôs sua obra em torno de apenas uma ação única? Durante muito tempo os leitores de Heródoto, antigos e modernos, se perguntaram se as *Histórias* formam uma só narrativa, ou um conjunto delas, devido ao próprio gosto do autor pelas digressões<sup>46</sup>, de forma que não é impossível pensar que isto é parte desta crítica sobre a história produzir enredos episódicos. Além disso, o exemplo da simultaneidade da batalha naval de Salamina com a batalha na Sicília (1459a) parece ser mais uma referência a Heródoto na obra aristotélica, pois ele realmente menciona que ambas as batalhas ocorreram no mesmo dia, embora sem relação causal entre elas (Hdt. 7.166).

---

<sup>44</sup> Veja-se RICOEUR, *Temps et Récit - Tome I*, p. 67–70.

<sup>45</sup> Para um panorama do assunto, ver CORREA, Denis, *Controvérsias na Historiografia Grega: Hecateu, Heródoto, Helânico e Tucídides*, Tese de doutoramento, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2021, p. 9–10, 63–77, 129–161. Para os fragmentos de Helânico, ver POWNALL, F., *Hellankos of Lesbos (4)*, in: WORTHINGTON, I. (Org.), *Brill's New Jacoby*, Leuven: Brill, 2016.

<sup>46</sup> LATEINER, D., *The Historical Method of Herodotus*, Toronto: University of Toronto Press, 1989, p. 4–5; HARTOG, François, *O Espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*, Belo Horizonte: UFMG, 1999, p. 31–37; BOULAY, *Histoire et narrativité, autour des chapitres 9 et 23 de la Poétique d'Aristote*.

Por outro lado, não faltam defensores de Tucídides para afirmar que o suposto juízo negativo de Aristóteles sobre ele “não é plenamente justificável<sup>47</sup>”, ou “é facilmente revogável<sup>48</sup>”, ou que o ateniense “era um caso diferente, menos exposto à crítica [que Heródoto]<sup>49</sup>”, ou ainda que o mestre do Liceu não o considerava historiador, mas sim um pensador político<sup>50</sup>. Porém, note-se que além de Tucídides ter criticado o sistema cronográfico de Helânico por imprecisão (1.97 e 5.20), ele criou um sistema divergente no qual a Guerra do Peloponeso é narrada numa sequência temporal de verões e invernos. Ambos os sistemas visam conectar as ações numa estrutura temporal única, organização que, segundo a *Poética*, produz enredos episódicos e ruins. Assim, Aristóteles e Tucídides realmente estruturam as ações narrativas com critérios totalmente diferentes: ao primeiro interessa apenas a ação una e completa, enquanto o outro prioriza tempo uno e completo. A oposição é entre um enredo que articula ações através da causalidade entre elas, e outro enredo, episódico ou histórico, que narra não a ação una, mas o tempo único e tudo que acontece nele se conecta, do ponto de vista do enredo, aleatoriamente. Segundo Ricoeur<sup>51</sup>, Aristóteles opõe a sequência de “uma ação por causa da outra” – composta a partir do provável e do necessário – e “uma ação depois da outra”, que é a configuração dos enredos episódicos, aleatórios e históricos.

Neste ponto, a argumentação se adensa de forma que não convém perder de vista o questionamento central. É possível uma poética da história? Aristóteles diz que o poeta se torna poeta em função da produção de enredos prováveis e necessários, que imitam ações prováveis e necessárias, sejam históricas ou fictícias. Se o poeta se preocupar com outra coisa que não for compor ações num nexos causal – como por exemplo, formular entimemas que provam que os eventos ocorreram, ou conectar as ações em nexos temporal de forma que as ações são dispostas em sequência aleatória, ou ainda conectá-las num só personagem (1451a15-35), etc. – o resultado será uma poesia ruim e episódica, que não se

---

<sup>47</sup> STE. CROIX, G. E. M., Aristotle on History and Poetry, in: *Essays on Aristotle's poetics*, Princeton: Princeton University Press, 1992, p. 27–29.

<sup>48</sup> RICOEUR, *Temps et Récit - Tome I*, p. 288.

<sup>49</sup> GINZBURG, Sobre Aristóteles e a história, mais uma vez, p. 56–57.

<sup>50</sup> PIPPIDI apud WEIL, *Aristote et l'histoire*; SOARES, *História e Ficção em Paul Ricoeur e Tucídides*, p. 554.

<sup>51</sup> RICOEUR, *Temps et Récit - Tome I*, p. 69–71.

baseia no que é geral (ações prováveis e necessárias), mas sim no que é particular (“o que Alcibíades fez ou sofreu”). Em outras palavras, não é que a história não pode conter poética, mas sim que suas características conduzem a uma poética episódica e ruim. Por conta disso, a história é menos filosófica e elevada.

### **Considerações finais**

Ginzburg pode estar correto ao argumentar que a noção de prova na *Retórica* é fundamental no desenvolvimento do conhecimento histórico, e também Hartog ao dizer que isto não anula as críticas contra a história na *Poética*. Porém, estes debates giram mais em torno de disputas epistemológicas modernas do que sobre Aristóteles, para quem a história pode produzir conhecimento sobre ações ocorridas no passado, que podem ser base para uma boa poética, contanto se evite a tendência de organização narrativa histórica em relacionar suas ações numa forma cronológica, episódica e aleatória, tais quais os enredos dos maus poetas. Na dimensão persuasiva, a concepção de história peripatética defende evitar o excesso argumentativo que anula e atrapalha a dimensão emotiva e ética da persuasão devido ao acúmulo de demonstrações e entimemas. Na dimensão poética, defende evitar narrar ações que realmente ocorreram, mas não se ligam à ação principal do enredo de acordo com o provável e o necessário, que resultam em obras episódicas, inarticuladas, longas e difíceis de recordar (veja-se 1451a1-6).

O método histórico, tal como debatido por Heródoto e Tucídides, não é examinado em nenhum momento em toda obra aristotélica, mas o valor ético, emocional e persuasivo da história, bem como sua capacidade em produzir bons enredos, é abertamente questionado tanto pela *Poética* quanto pela *Retórica*. Isto pode aliviar o estranhamento entre pensamento aristotélico e historiografia moderna, mas não se pode dizer o mesmo em relação aos clássicos da historiografia antiga. Por outro lado, podemos reconhecer que Heródoto e Tucídides parecem concordar que o excesso de argumentação retórica atrapalha a exposição de seus discursos, pois eles são, de fato, econômicos no uso de argumentação demonstrativa em suas obras, recorrendo a elas apenas eventualmente, em especial para argumentar em favor da superioridade de sua investigação contra

outras versões sobre eventos passados<sup>52</sup>. Apesar de lhe reconhecer uma função útil e acessória, Aristóteles não oferece nenhuma teoria da historiografia antiga e de seu método, mas explicita sua concepção de inferioridade filosófica e ética em comparação com o que se pode aprender a partir de bons enredos poéticos.

Persiste, de um modo ou de outro, a crítica da *Poética* diretamente a Heródoto, mas que facilmente pode-se estender a Tucídides e outros escritores da época, como Helânico. Tanto a forma episódica e digressiva da obra de Heródoto, quanto a preocupação de Tucídides em formular uma estrutura temporal rigorosa para conectar todas as ações da Guerra do Peloponeso, se encaixam naquilo que Aristóteles define como enredos episódicos, nas quais as ações estão articuladas num nexos temporal aleatório, não sendo capaz de produzir o provável e o necessário indispensável às emoções éticas que o discurso poético pretende produzir. A história emerge como instrumento útil e acessório para alcançar outro objetivo, seja poético-filosófico ou político-retórico, o método histórico fica em segundo plano. Nesta perspectiva aristotélica, a história é um meio, não um fim; o debate sobre os “fins” ou “usos” da história continua em aberto, e neste sentido pode ser atualizada a crítica aristotélica à historiografia antiga. Aristóteles revela concepção comum na antiguidade sobre a história: ela é útil e informativa, mas sofre restrições persuasivas oriundas de sua capacidade de provar o que “foi ou não foi”, e restrições narrativas de sua exigência em narrar ações numa estrutura temporal, num enredo que, por se basear em eventos reais, tende ao aleatório e ao contingente.

Neste sentido, a reflexão de Ricoeur em *Temps et récit*, especialmente no seu primeiro volume, é referência fundamental para compreender hoje o impacto deste breve comentário de Aristóteles na discussão moderna sobre os limites entre história e narrativa. Ricoeur desenvolve sua reflexão em torno da noção de que “o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de modo narrativo, e que a narrativa atinge seu significado pleno quando se torna condição da existência temporal<sup>53</sup>”, sendo que a história recorre à solução poética para configurar de forma narrativa a experiência aporética do tempo vivido. Esta

---

<sup>52</sup> CORREA, *Controvérsias na Historiografia Grega: Hecateu, Heródoto, Helânico e Tucídides*, p. 62–67.

<sup>53</sup> RICOEUR, *Temps et Récit - Tome I*, p. 85.

formulação, de fato, lida com os problemas disparados pela reflexão aristotélica sobre as dificuldades de elaborar enredos a partir de uma estrutura temporal que, por si só, é aleatória e contingente. O significado social da narrativa histórica não emerge da investigação, mas do enredo a partir do qual o historiador conecta as ações investigadas. Retomando a epígrafe deste artigo de autoria de Vergílio Ferreira, Aristóteles parece revelar que o passado da ἱστορία é tal qual “o passado a que pudéssemos voltar com uma máquina do tempo [que] seria a decepção do presente que foi<sup>54</sup>”, enquanto o enredo poético oferece o “transreal do encantamento e da eternidade”. Na *Poética* não há negação da realidade do passado, apenas a afirmação de sua trivialidade.

### Referências bibliográficas

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BOULAY, Berenger, Histoire et narrativité, autour des chapitres 9 et 23 de la Poétique d’Aristote, *Lalies*, n. 26, 2005., s. p., disponível em: [https://www.fabula.org/ressources/atelier/?Historia\\_et\\_mim%26eacute%3Bsis%3A\\_confrontation\\_de\\_diff%26eacute%3Brentes\\_traductions](https://www.fabula.org/ressources/atelier/?Historia_et_mim%26eacute%3Bsis%3A_confrontation_de_diff%26eacute%3Brentes_traductions)

BRAET, Antoine C., The Enthymeme in Aristotle’s Rhetoric: from Argumentation Theory to Logic. *Informal Logic*, v. 19, n. 2 & 3, p. 101–117, 1999.

BURNYEAT, M. F., Enthymeme: **Aristotle on the Logic of Persuasion**, in: NEHAMAS, A.; FURLEY, D. J. (Orgs.), *Aristotle’s Rhetoric: Philosophical Essays*, Princeton: Princeton University Press, 1994, p. 3–56.

CORREA, Denis. *Aristóteles. A República dos Atenienses*. São Paulo: Madamu, 2023.

CORREA, Denis. **Controvérsias na Historiografia Grega: Hecateu, Heródoto, Helânico e Tucídides**, Tese de doutoramento, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2021.

CORREA, Denis. The Aristotelian Athenaion Politeia as “poor history”? Historiography, rhetoric, and the controversies about Solon in the Fourth Century. *Histos*, n. 13, p. 129–145, 2019.

---

<sup>54</sup> FERREIRA, Vergílio, Alocução de Vergílio Ferreira. Doutoramento solene de Gladstone Chaves de Melo e Vergílio Ferreira, *Biblos*, v. 70, p. 508–511, 1994. Ver também FIALHO, Maria do Céu, Coimbra no Romance de Vergílio Ferreira, *Boletim de Estudos Clássicos*, v. 41, p. 63–72, 2004, p. 63–64.

FERREIRA, Vergílio. “Alocução de Vergílio Ferreira. Doutoramento Solene de Gladstone Chaves de Melo e Vergílio Ferreira”. *Biblos*, v. 70, p. 508–511, 1994.

FINLEY, Moses. Myth, Memory and History. *History and Theory*, v. 4, n. 3, p. 281–302, 1965.

FORNARA, C. H. **The Nature of History in Ancient Greece and Rome**, Berkeley: University of California Press, 1983.

FREESE, J. H., **Aristotle in 23 volumes**, Cambridge and London: Harvard University Press; William Heinemann Ltd, 1926. Similar a ALEXANDRE JÚNIOR, M; ALBERTO, P. F.; PENA, A. N., *Retórica*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

FYFE, W. H. **Aristotle in 23 volumes**, Cambridge and London: Harvard University Press; William Heinemann Ltd, 1932.

GARCÍA BACCA, J. D. *Poética*, Ciudad de Mexico: UNAM, 1945.

GAZONI, Fernando M. *A poética de Aristóteles: tradução e comentários*, Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força: história, retórica, prova**, São Paulo: Cia das Letras, 2002.

HARDY, J. **Poétique**. Paris: Belles Lettres, 1932.

HARTOG, François, **A História de Homero a Santo Agostinho**, Belo Horizonte: UFMG, 2001.

HARTOG, François, Aristóteles e a história, mais uma vez. **História da Historiografia**, n. 13, p. 14–23, 2013.

KENNEDY, George A. *Aristotle. On Rhetoric - A theory of civic discourse*, Oxford: Oxford University Press, 2007.

LATEINER, D., **The Historical Method of Herodotus**, Toronto: University of Toronto Press, 1989.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.

LUCAS, D. W. *Aristotle. Poetics*, Oxford: Oxford University Press, 1968.

MARINCOLA, J. **Authority and Tradition in Ancient Historiography**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

NICOLAI, R., The Place of History in the Ancient World, *in*: MARINCOLA, J. (Org.). **A companion to Greek and Roman historiography**, Malden: Blackwell, 2007.

PIRES, F. M. Indagações sobre um método acima de qualquer suspeita. **História da Historiografia**, n. 13, p. 24–44, 2013.

REDFIELD, James, **Nature and Culture in the Iliad: The Tragedy of Hector**. Durham: Duke University Press, 1994.

RICOEUR, Paul, **Temps et Récit - Tome I**, Paris: Seuil, 1983.

SACHS, Joe, *Aristotle. Poetics*, Newburyport: Focus Publishing, 2006.

SOARES, Martinho T. M., **História e Ficção em Paul Ricoeur e Tucídides**, Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 2014.

SOUZA, Eudoro de. **Aristóteles**. Poética. Maia: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994.

VALENTE, Ana M. **Poética. Aristóteles**. Lisboa: Calouste Gulbekian, 2004.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**, Lisboa: Edições 70, 1983.

WEIL, Raymond. **Aristote et l'histoire**, Paris: Klincksieck, 1960.

WHITE, Hayden, **Metahistory: the historical imagination in nineteenth-century Europe**, Baltimore: John Hopkins University Press, 1975.

**Recebido em 04 de julho de 2023**  
**Aprovado em 27 de julho de 2023**